

ANOTAÇÕES AVULSAS SOBRE Hipertexto

Qualquer discussão sobre as implicações culturais do hipertext/media requer, ANTES QUE MAIS NADA, que se tenha

1) tanto uma idéia do **significado geral** do **termo** ,

2) quanto **conhecimento** de suas **possíveis materializações até o momento**.

E DA NECESSIDADE DE **SEPARÁ-LOS** , da mesma forma que devemos separar

textualidade digital	da	experiência de lê-la num determinado aparato
o texto	ou do	objeto onde ele é lido .

(**outras separações** que serão feitas, com o objetivo de **disciplinar** o debate sobre aplicações de hipertexto:

1) **hipertexto em network** de **hipertexto stand-alone**

2) **read-only hipertexto** de **add your links/texts** hipertexto

Inicialmente, para **entender** o que o *hipertext* (**uma das formas de escrita não-sequencial** , **representa** em termos de **ruptura** c/ alguns dos paradigmas do mundo impresso, faremos para começar, uma rápida revisão da

História do hipertexto

(junto c/ a definição de tópicos conceituais como: 1) hipertexto/hipermídia, hiperdocumentos; 2) *nodes, links, anchors, buttons, scripts, trails, tours, bookmarks, markup*; 3) interface etc.)

História das GUIs - Graphical User Interface

**Pós-estruturalismo
& hipertexto**

> ambos emergem
da insatisfação c/

> livro impresso
e pensamento
hierárquico

Roland Barthes e Jacques Derrida -->>> forçam-nos a reconsiderar o autor & leitor e os textos que eles escrevem e leem.

Electronic linking incorpora->

Julia Kristeva 's -> noção de intertextualidade

Mikhail Bakhtin 's -> ênfase em multivocalidade

Michael Foucault 's -> *conception of networks of power*

Gilles Deleuze & **Feliz Guattari** 's -> a idéia de pensamento nômade e rizomático

HISTÓRIA DO HiperTexto (mais uma vez)

Bush e o Memex - 1945 (no *Atlantic Monthly*) -> máquinas de recuperar informação mecanicamente "linkadas" (unidas, associadas) para ajudar pesquisadores e *scholars* a enfrentar o que já era uma explosão de informações".

"A soma da experiência humana expande-se numa proporção espantosa e a maneira como avançamos neste emaranhado é a mesma de séculos atrás.

O problema parece estar no método de seleção e recuperação da informação, bem como na maneira inadequada como esta informação é armazenada e indexada:

"Quando os dados são indexados e arquivados, são colocados em ordem alfabética ou numérica e a informação é encontrada quando avançamos de categoria em sub-categoria. Cada informação só pode estar em um lugar, a não ser que seja duplicada. Existem regras complicadas para localizá-la e, depois de cada item encontrado, para encontrarmos o próximo temos que reentrar no sistema e repetir os passos.

Ted Nelson (*Literary Machines*) diria depois que "não há nada de errado com categorização mas a maioria delas é transitória...)

Em contraste com a rigidez e a dificuldade de acesso produzidas pelos modos atuais de administrar a informação no suporte papel (e outros registros físicos), Bush e Nelson enfatizam da necessidade de uma mídia para informação que acomode melhor a maneira como a mente trabalha.

Depois de descrever alguns métodos atuais de arquivamento e classificação da informação, Bush afirma "**a mente humana não trabalha deste modo** " mas por **associação** ". "Com uma idéia em mente, pulamos para a próxima que é sugerida por uma associação de pensamentos, de acordo com alguma intrincada rede de trilhas executada pelas células cerebrais".

Para liberar-nos destes sistemas de classificação inadequados, ele propõe o MEMEX, que mecanizaria de uma maneira mais eficiente E HUMANA: um suplemente mais eficiente para a memória que também incluiria a possibilidade de adicionar notas e comentários aos registros.

2 coisas chamam a atenção:

1) ele acredita que, enquanto lemos, também precisamos escrever nosos pensamentos transitórios e nossas reações ao texto (a leitura como um processo ativo que envolve a escrita);

2) o leitor ativo não pode anotar o texto no registro que o enseja, porque o mesmo registro ode ensejar outros comentários em outras instanciações (uma nova concepção do texto)

A qualidade essencial do MEMEX, mais que a recuperação e anotação, entretanto, era sua capacidade de criar indexação associativa (*link*) que cria grupos de informações que não estão conectadas hierarquicamente. Os leitores é que criam as intermináveis trilhas que as percorrem:

Bush reconhece que **as trilhas entre os links constituem uma nova forma de textualidade e de escrita** . “Quando inúmeros itens (registros e/ou anotações) se juntam para fazer uma trilha, é exatamente como se eles tivessem se juntado para fazer um novo livro”. E cada item pode ser incluído em diferentes trilhas e participar de diferentes livros.

Estes “livros memex” podem também ser arquivados (*do not fade*) e compartilhados. Ele prevê que novas formas de enciclopédias também irão aparecer, já prontas com trilhas associativas” feitas por experts. Os escritores/leitores podem usá-las e incorporá-las nas suas próprias trilhas e *links*.

Ele introduz a noção de âncoras, caminhos e conjuntos de teias de caminhos: que produzem a concepção de um texto flexível, customizável, aberto às demandas do leitor. Introduz também o conceito de multipla textualidade.

PENSEM: um engenheiro rejeita os conceitos fundamentais da tecnologia de informação que dominou o mundo ocidental, desde Gutenberg ao desejar substituir os métodos lineares e fixos produzidos pelo industrialismo (e capitalismo) com o que são, essencialmente, máquinas poéticas, que trabalham de acordo com as associações e analogias subjetivas e que podem capturar e expressar a anarquia brilhante da mente humana, percebendo que, essencialmente, a ciência e a poesia trabalham da mesma maneira.